



Pouco antes de agredir Ney Suassuna (sentado, ao centro), Antônio Carlos Magalhães (em pé) reclama da interrupção do depoimento

# Sessão de socos e palavrões

06 MAR 1996

## ■ ACM agride Ney Suassuna no Senado

**B**RASÍLIA — O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) esmurrou o presidente da comissão especial que analisa a medida provisória do programa de ajuda aos bancos (Proer), senador Ney Suassuna (PMDB-PB), ontem de manhã, após o depoimento do presidente do Banco Central (BC), Gustavo Loyola. Na sessão em que se temia o mau desempenho de Loyola, quem se descontrolou foram os parlamentares. O líder do PMDB, senador Jader Barbalho (PA) chamou o deputado Gonzaga Motta (PMDB-CE), de "idiota, incompetente, burro, analfabeto, capadócio e abestalhado"; e os deputados Milton Temer (IT-RJ) e Artur Virgílio Neto (PSDB-AM) chamaram um ao outro de "capacho".

Antônio Carlos, 68 anos, portador de pontes de safena, irritou-se com Suassuna, 54 anos, por ter interrompido a reunião no início da tarde, quando Gustavo Loyola iria responder às perguntas do deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA) — *ponta de lança* da bancada baiana para o caso do Banco Econômico. "Você saiu lá do acerto para fazer isto aí?", disse ACM, insinuando

que Suassuna, em reunião na véspera, no Ministério da Fazenda, teria se comprometido em proteger o presidente do BC contra perguntas mais difíceis. Suassuna disse que interromperia a reunião porque, às 14h30, haveria sessão do Senado no mesmo local e que a reunião apenas seria transferida de local.

"Não fiz acordo, não sou homem de fazer acordo", insistiu Suassuna. "Não é de acordo mas é de roubar. Está aí para roubar. Você é um safado, ladrão", provocou ACM, levantando-se de sua cadeira no canto direito do plenário. Suassuna, em pé, bem próximo de ACM, cerrou os punhos e avançou: "ladrão é você". ACM, então, socou Suassuna, mas o punho resvalou no rosto do paraibano que se afastou deixando os óculos irem ao chão. Suassuna foi impedido de revistar, por outros parlamentares.

As confusões começaram logo depois que Loyola concluiu suas explicações sobre o caso Nacional. Os relatores das duas comissões especiais, que tratam das medidas provisórias do Proer e de fortalecimento do BC, eram os únicos parlamentares que haviam feito perguntas e a reunião se arrastava por quase três horas. Milton Temer, autor do pedido de convocação de Loyola, exigiu da mesa o mesmo tempo dado

aos relatores. O deputado Gonzaga Motta, que presidia a reunião, quis dar preferência ao deputado Artur Virgílio (AM), vice-líder do PSDB na Câmara. "O senhor deixa um funcionário de 2º escalão falar por duas horas e 45 minutos e quer passar minha vez de falar ao deputado Artur Virgílio, um submisso, um capacho do governo?", reclamou Temer. "Capacho e submisso é o deputado Milton Temer, que nunca vem para o debate frontal, sempre corre feito um frango", retrucou Virgílio.

Logo a seguir, o senador Jader Barbalho ficou irado quando Gonzaga Motta deixou que Eduardo Suplicy (PT-SP) falasse antes dele. Jader estava seguro de que era a vez do PMDB falar e, ao ter sua pretensão negada, discutiu por quase meia hora e se retirou do plenário bradando contra Gonzaga Motta, que se revezava na presidência da reunião com Suassuna.

Os senadores Antônio Carlos Magalhães e Ney Suassuna podem ser enquadrados em crime de falta de decoro parlamentar, mas nenhum senador se habilita a aplicar a punição. O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP) adiantou que, no máximo, poderia aplicar uma advertência verbal, dependendo do pronun-

ciamento da Comissão de Ética do Senado. Mas o presidente da Comissão, senador Casildo Maldaner (PMDB-SC) anunciou que nenhuma providência será tomada, porque nenhum dos dois parlamentares quer "levar o caso adiante".

Também o corregedor do Senado, senador Romeu Tuma (PSL-SP) minimizou o episódio, após se reunir com Suassuna, e em seguida, ouvir um relato informal da briga de Antônio Carlos. "Isso não vai dar em nada", admitiu Tuma. As penas por falta de decoro parlamentar vão de advertência até suspensão e perda de mandato, o desinteresse na punição irritou o presidente da Comissão de Constituição e Justiça, Iris Rezende (PMDB-GO): "os arroubos da sessão de ontem, não podem mais continuar no Senado", criticou, cobrando uma reação de Sarney. Também o senador Pedro Simon (PMDB-RS) que quase foi agredido por Antônio Carlos na sessão de anteontem, reclamou: "Alguém tem que fazer alguma coisa".

O senador Ney Suassuna, disse que não quer "botar lenha na fogueira" e garante que ele e Antônio Carlos só levantaram as mãos: "O deputado José Carlos Aleluia é que derrubou meus óculos, quando foi nos separar", garantiu.